

1200135

Santana



Paulo 74
Manel 22
14

Barão d'Olbach

OS
costumes de Cristo
e os da sua preten-
dida Igreja

20

“Ao queremos examinar os costumes de Jesus e da sua pretendida Igreja, temos de fixar, antes, o que entendemos por costumes. Por costumes não podemos deixar de entender, quanto ao individuo, os seus usos, a sua maior ou menor amplitude ou moderação e a sua maior ou menor avareza e desin-teresse.

Não basta, pois, abrir os olhos e os ouvidos para nos convencermos de que em

todas estas coisas houve sempre uma diferença entre Christo e a Igreja Christã, diferença semelhante à que se encontra entre a tempestade e a calma, entre o fogo e a água, entre o sol e as trevas.

Falamos um momento do Papa. Não é, acaso, incontestável que um fahir indiano se assemelha mais a Jesus do que um Papa? Jesus foi pobre. Ia a servir o próximo de aldeia em aldeia, levando

uma vida errante. Caminhava sempre a pé, não sabia nunca onde dormir e quasi nunca onde comeria. É esta, precisamente, a vida dum fahir, dum santarrão, dum morabista.

O Papa de Roma, pelo contrario, encontra-se magnificamente instalado num palácio imperial e possui uma quantia fabulosa de renda annual. Uol a calza de humildade, é senhor absoluto e chega a dar leis a todos os soberanos dos países christãos.

Passamos do Papa aos bispos. To-
dos tratam de imitar o seu chefe: ne-
deiam-se de regalias e opulências, in-
titulam-se príncipes e todos êles procu-
ram dominar com a sua autoridade
eclesiástica a autoridade civil.

Foram êles que levaram os Papas
a depor os Reis. Os bispos de França
tinham destronado já Lewis, filho de
Carlos Magno, muito tempo antes do
papa Gregório VII ter a insolência bas-
tante para depor o poderoso impe-

rador Henrique IV. Os bispos de Fleury
yha depuseram o seu rei Henrique
IV, o impotente, sustentando que um
homem, no estado em que êle se en-
contrava, era indigno de reinar.

É mister confessar que este nome
de Henrique IV é desgraçadíssimo em
questão de tronos, pois que o de França
yorda tinha de impotente quanto a
virilidade, sendo digno, portanto, de
se perpetuar no trono por este motivo,
e a - pesar - disso foi declarado insano.

dê-lhe pelas três quartas partes dos bispos
do seu reino, por toda a Bourbonne, pe-
los frades e pelo Papa.

Estas exerações idioticas são hoje
olhadas com tanto horror como desprezo
por quasi todas as nações, mas foram
reverenciadas e respeitadas por mais
de dez séculos: os cristãos foram em
toda a parte tratados como bestas de
carga pelos bispos.

Hoje ainda, nos desgraçados paí-
ses sujeitos à Sé Apostolica, os bispos

pretendem meter o nariz nas próprias co-
nhiças particulares, querendo obrigar os
outros a comer o que elles entendem,
em certos dias do anno. Mais ainda:
decretam dias em que se não pode
trabalhar, suspendendo, assim, o arca-
nho dos campos, a colheita dos fructos
e a sementeira das terras, e prolongan-
do, por vezes, esses períodos de ociosidade
religiosa a dois e três dias seguidos. Con-
deyem os povos a essa ociosidade e sem-
pre com o silencio ou o aplauso do

do poder civil, que lhes anda enfeudado.

Se os bispos usurparem em toda a parte os direitos dos príncipes não se julgue, por isto, que os pastores das Igrejas reformadas foram menos possuídos de ambição e de furor. Basta recordar as sombrias e absurdas atrocidades dos presbíteros da Escócia. O sangue escaldam-nos as veias, o nosso espírito revolta-se, a indignação sobe em todo o nosso ser pensando nelas.

Não o duvidemos: todos os minis-

tros da religião, sempre que possam, hão-de ser verdugos do género humano. Christo foi apenas uma vítima deles.

Veja-se agora a semelhança que existe entre Jesus e a Igreja. Se me respondessem o que dizem muitos cristãos, isto é, que Christo lhes comunicou um direito de que não quis usar, dir-lhes-ia que, nesse caso, os nossos Pilatos de hoje deviam fazer-lhes sofrer o suplício que o seu mestre sofreu, sim e certamente não merecer.

Os ingleses ainda não se lava-
ram da mancha de terem queima-
do os arianos no reinado de Jacob I,
pelo único delito de não darem a Cris-
to o epíteto de consubstancial. De-
pois o filho deste mesmo Jacob le-
vou o seu próprio pai ao cadafal-
so sendo as infames controvérsias
acêrca da religião a causa princi-
pal dêsse parricídio.

O príncipe fez justiça a seu pai.
Este fizera justiça a os arianos. A

mesma intolerância vista de sem-
pre. Todas as antigas seitas se su-
portavam umas às outras. Só a
cristão foi sempre monstruosamen-
te intolerante.

(Transcrito da "História das reli-
giões" da "Editorial
Republica.")

Luiza, Junho de 1934



uma das coisas mais importantes da vida
é a capacidade de se adaptar a mudanças.
A vida é como um rio que sempre muda
de curso. Não se pode resistir à correnteza,
apenas aprender a nadar nela.

As religiões são como os pirilampos:
só brilham na escuridão.

Um autor alemão (Dürer escritor alemão)
disse: "A vida é como um rio que sempre muda
de curso. Não se pode resistir à correnteza,
apenas aprender a nadar nela."
Este trecho faz parte de um livro de Dürer.

